

CINEMA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES, LIMITES E CONTRADIÇÕES¹

Celso Rogério Klammer*
Dejanira Malacarne Gnoatto**
Érika Vanessa Kampa Ozório**
Mariluz Solieri**

RESUMO

Partiu-se do pressuposto que o cinema tem uma função estratégica e pedagógica na sociedade, podendo contribuir para a politização dos indivíduos. Sendo assim, investigou-se como o professor do Ensino Médio, de uma determinada escola pública da cidade de Curitiba, faz uso do cinema em sala de aula. Para tanto, procurou-se focar a função pedagógica do cinema, estabelecendo as relações deste com a indústria cultural, aprofundando a idéia de cinema como fator de politização e sobre o uso da sua linguagem. Refletiu-se também sobre a presença no cinema na escola brasileira e as possibilidades de uso pelo professor tanto sob o ponto de vista técnico quanto pedagógico. Analisou-se o projeto político-pedagógico para se verificar a concepção de cidadão que a escola pretende formar e para que sociedade bem como se contempla o uso do cinema. Utilizou-se também questionários e entrevistas aos professores, direção, coordenação e alunos, além da observação em sala de aula.

Palavras-chave: sociedade; cinema; educação; linguagem; politização.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade vem sofrendo sensíveis transformações que se refletem diretamente na vida cidadã e por conseqüência na educação. Tais transformações envolvem uma vasta gama de informações ao acesso de crianças, jovens e adultos, informações que se espalham de forma quase simultânea por todo o mundo por diversos mecanismos tecnológicos criando novos ambientes educacionais que não sejam exatamente o espaço escolar.

Dentro dessa perspectiva a escola já não é mais o único local de aprendizagem e nem o professor o único detentor do conhecimento ou da informação, aspecto esse que revela a necessidade de uma ação pedagógica associada aos muitos canais de

¹ Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional de História Cultural, 2006, Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882.

* Professor de Teoria e Método da Pesquisa em Comunicação no Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e de Metodologia da Pesquisa no Curso de Pedagogia; coordenador dos Trabalhos de Conclusão de Curso; Mestre em Educação pela UFPR. e-mail: crk@unicenp.edu.br

** Alunas do 4º ano do Curso de Pedagogia do UNICENP- Curitiba-PR. deja.gnoatto@gmail.com; dscarton@quatrobarr.faurecia.com; erika.ozorio@gmail.com.

comunicação existentes no cotidiano dos alunos, dentre os quais se inclui o cinema.

Sentindo a forte presença das imagens no cotidiano das pessoas, em particular o cinema, e de modo especial na vida de crianças e jovens, é que surgiu a necessidade de se investigar, de que maneira a escola se posiciona quanto ao cinema e investigar ainda de que maneira o professor utiliza este recurso.

Entende-se então que, se o cinema está presente na vida dos jovens, ele não pode ser desconsiderado e simplesmente abolido do sistema educativo, principalmente porque se consolida como um forte elemento politizador.

Tomando como base esse contexto, defende-se a idéia de que a experiência do cinema seja aproveitada na escola. No entanto, isso não pode se dar sem que seja realizada uma ampla contextualização a respeito de como esse recurso conquistou o seu espaço na sociedade contemporânea.

Acredita-se que a idéia de cinema nasceu a partir da necessidade do homem em se expressar. É fato que a idéia de cinema evoluiu ao longo dos anos, o que permitiu que este se tornasse um potente meio de comunicação e expressão. Evoluções que dizem respeito tanto ao aperfeiçoamento da técnica, como também de conteúdo. Entretanto, é preciso ressaltar uma característica essencial: o cinema dos primórdios trabalhava com idéias reais, enquanto o cinema contemporâneo trabalha com a ficção, e uma de suas características, segundo Chauí (2002), é tornar próximo o que está ausente. Contudo, sua função primordial ainda é o entretenimento, sendo o prazer encontrado pelos indivíduos, o aspecto relevante que aproxima o espectador da imagem em movimento.

Visando a aprofundamento dessa análise, tomou-se como conceito norteador o cinema como arte o qual possui uma função político-pedagógica.

Ao discutir a função político-pedagógica do cinema, considera-se importante ressaltar, como aporte teórico, a concepção de Walter Benjamin (1983) ao colocar a questão da reprodutibilidade técnica da obra de arte como um importante elemento de politização.

Para Benjamin, o progresso das técnicas de reprodução, dissolvendo a aura, destituem a obra de arte de seu *status* de raridade. Em outras palavras, a arte fica excluída da esfera aristocrática e religiosa que fazem dela uma coisa para poucos e um

objeto de culto (ARANTES, 1975, p. 952). Sendo assim, a arte torna-se possível a toda a população, deixando de ser algo isolado, pertencente a uma pequena parcela de indivíduos. Torna-se, portanto, um elemento de ligação entre as diferentes classes existentes na sociedade.

Além disso, faz-se ainda necessário mencionar a concepção de Adorno e Horkheimer (1991). Ambos consideram que à medida que a arte passa a ser reproduzida, ela deixa de ser arte, dessa forma, idealizam a obra de arte aurática do período burguês, como sendo a “verdadeira” cultura, a cultura da elite (FREITAG, 1987). Tal aspecto leva a pensar, de acordo com a concepção de Adorno e Horkheimer, que a arte reproduzida perde seu caráter, não podendo ser considerada como arte ou como cultura. Em outras palavras, à medida que a arte é “distribuída” à toda população ela perde sua unicidade.

Freitag (1987) considera a posição de Adorno e Horkheimer aparentemente conservadora. Tal posição é totalmente contrária à posição progressista adotada por Walter Benjamin. Ao assumir essa faceta, Benjamin acredita na possibilidade da sobrevivência da dialética na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte. Para ele, mesmo que a obra de arte burguesa perca sua aura, a obra de arte “pós-aurática”, isto é, a obra de arte reproduzida, têm novas possibilidades de mobilização e articulação com o real, permitindo a crítica de um novo ângulo, não necessariamente alienado, permite uma nova estrutura de percepção e assimilação do consumidor (FREITAG, 1987).

Neste sentido, acredita-se ser muito importante abordar a discussão de Kellner (2001) sobre a cultura da mídia. A cultura veiculada pela mídia passou a dominar a vida cotidiana, induzindo os indivíduos a identificar-se com as ideologias, as posições e as representações sociais e políticas dominantes e conformar-se perante à organização vigente da sociedade. Isso se deve ao prazer propiciado pela mídia, um entretenimento agradável que utiliza instrumentos visuais e auditivos para seduzir o público.

“Os estudos culturais delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam” (KELLNER, 2001, p. 39).

O objetivo dos estudos culturais, segundo Kellner (2001) é analisar de que modo determinados textos e tipos de cultura da mídia afetam o público, que espécie de efeito

real os produtos da cultura da mídia exercem e que possibilidades de resistência e luta também se encontram nas obras da cultura da mídia. Dessa forma, realiza-se, segundo o autor, “uma pedagogia crítica da mídia cujas finalidades são: possibilitar que os leitores e os cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes o instrumental de crítica que os ajude a evitar a manipulação da mídia e a produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural social” (KELLNER, 2001, p. 20).

Para Kellner (2001), os estudos culturais podem desempenhar importante papel na elucidação de conflitos, problemas, desafios e possibilidades que têm ocorrido na cultura e na sociedade, servindo para interpretar a atual situação social.

Dessa forma, pode-se dizer que a importância dos estudos culturais consiste no fato de poder contribuir para o desenvolvimento de uma teoria e de uma crítica da sociedade presente.

Além disso, há conceito de indústria cultural que traduz-se na produção industrializada de cultura, ou seja, a mesma é fabricada e comercializada, tal como um produto qualquer passível de ser adquirido através do dinheiro (COELHO, 2003).

Sendo assim, para fazer a análise da função político-pedagógica do cinema, optou-se por Benjamin, que acredita na possibilidade de politização dos indivíduos por meio do acesso à cultura, ou seja, acredita que a reprodutibilidade da obra de arte pode vir a ser justamente um elemento de politização já que esta passa a ser então de livre acesso a todos, sendo esse um ponto positivo ou negativo, visto que ela é também carregada de ideologias e essas precisam ser filtradas antes de incorporadas simplesmente.

Com base em tais elementos pode-se compreender o cinema como uma indústria pensada e estruturada para inculcar determinadas ideologias, sendo a indústria cultural uma forte ferramenta de dominação.

Nesse contexto, é que entende-se a necessidade de atuação da escola, isto é, a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel enquanto integrantes de uma sociedade. Entende-se que, se a escola propiciar um diálogo crítico com as mídias estará contribuindo para essa politização, de forma que os indivíduos compreendam as mensagens e ideologias por elas veiculadas.

Dessa forma, entendendo a educação como um elemento democrático, que pode possibilitar aos indivíduos uma participação mais ativa e crítica na sociedade, compreende-se o cinema como um aspecto indispensável no processo educativo, visto que, este é uma ferramenta que pode contribuir para a politização, conforme afirma Benjamin.

É importante ressaltar que a escola trabalha com o saber sistematizado, e por meio deste pode elevar o conhecimento do indivíduo a um patamar superior, ou seja, a escola pode instrumentalizar o aluno para que possa compreender e interpretar o mundo e particularmente o cinema.

Nesse aspecto, é importante ressaltar a necessidade do educador em ver na mídia um aliado para uma mediação mais significativa no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Franco (In: PRETTO, 1996, p. 117), a escola “não deve competir com a mídia, mas travar com ela um jogo dialético”.

Entende-se aqui como jogo dialético com a mídia a importância de uma parceria do professor com as tecnologias, as mesmas que permeiam a vida de alunos e professores. Nesse sentido, não cabe ao professor ignorar as informações trazidas de fora por intermédio dos meios de comunicação, mas sim usufruir de tais informações e incorporá-las de forma ativa e construtiva, no intuito de dinamizar o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, o papel do professor é estabelecer com o aluno, relações indispensáveis entre os conteúdos adquiridos na escola e as “leituras” do cotidiano. Mas, se o cinema ou qualquer outro recurso multimídia for utilizado tão somente como um instrumento, este não passará de mais um recurso didático-pedagógico reduzindo, portanto, as múltiplas possibilidades de seu uso.

De acordo com Napolitano (2003) é possível dizer que trabalhar com o cinema como recurso em sala de aula é propiciar à escola o reencontro com a cultura cotidiana e elevada do mesmo tempo, ou seja, o cinema é a área na qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais abrangentes são compostos numa só obra de arte.

No entanto, não basta incorporar o vídeo nas atividades escolares, é preciso entendê-lo, não como mais um e moderno recurso didático pedagógico, mas como um

fundamento, o qual pode contribuir para uma nova forma de construir o conhecimento (PRETTO, 1996).

Diante desse aspecto, entende-se a necessidade de se estabelecer alguns passos, como o planejamento didático, o planejamento escolar e a avaliação do processo, que podem contribuir para uma melhor utilização desse recurso no processo educativo, o que não pode se dar sem que ocorra uma ampla contextualização dessa metodologia. Contudo, compreende-se que para que esse processo se efetive é preciso situá-lo num amplo planejamento, o que vem exigir tanto dos professores como outros profissionais da escola, que a sua intencionalidade educativa seja colocada em ação. Do contrário, pouco se pode contribuir para uma análise crítica e reflexiva, tanto das tecnologias quanto da educação.

Para isso, compreende-se a necessidade de entender as transformações ocorridas na sociedade vigente, uma sociedade que se modifica em ritmo acelerado, ou seja, uma sociedade que produz informações pautadas basicamente em imagens, as quais circulam pelo mundo de forma ininterrupta e instantânea, caracterizando, segundo Pretto (1996, p. 28), uma “sociedade planetária”.

Para o autor, a velocidade que se dá esse desenvolvimento exige uma reflexão e o conhecimento sobre as características dos novos produtos que estão sendo colocados no mercado, sobre os seus possíveis usos, especialmente na educação.

Nesse contexto, compreende-se a necessidade em se estabelecer uma maior aproximação entre escola e os meios de comunicação, mais precisamente o cinema.

Segundo Kenski (1996), na sociedade tradicional a escola era o lugar privilegiado do saber e o professor era a única fonte do conhecimento necessário para se viver em sociedade, o audiovisual limitava-se ao som da voz do professor, ao texto escrito na lousa ou no livro. No entanto, essa sociedade mudou e a escola também deve acompanhar esse processo de mudanças.

A escola não pode ser, segundo Kenski (1996, p. 134), um “local de tradição cultural” mas sim “de produção cultural e social”, ou seja, deve produzir novas culturas, sem ignorar o que há de novo.

Sendo assim, a discussão que esse tema propõe, está direcionada para uma alfabetização da imagem. No entanto, segundo Kenski (1996, p. 132),

[...] somos todos da geração alfabética – a da aprendizagem por meio do texto escrito, da leitura do livro, do artigo. Somos analfabetos para a leitura das imagens, dos sons [...] ‘Nossa alfabetização é parcial e não total’ [...] Sabemos ler apenas os textos e não imagens, sons, movimentos.

Por isso, falar na alfabetização da imagem vem exigir que, tanto a educação, quanto a escola, professores e alunos, trabalhem num só movimento, isto é, rumo a essa alfabetização da imagem, da comunicação, da informação e, ao mesmo tempo, da língua e da escrita (PRETTO, 1996).

Nesse contexto, salienta-se a importância da escola como uma instância educadora, entendendo que a sua função é garantir ao aluno a participação na vida política produtiva. No entanto, entende-se que ele só poderá fazê-la a partir do momento em que a escola lhe possibilitar a apropriação dos conhecimentos historicamente produzidos, instrumentalizando-o para que esta participação se dê de forma positiva e efetiva.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

Com base na discussão teórica, buscou-se elementos que possibilitassem elucidar a utilização do cinema por parte de professores do Ensino Médio de uma determinada escola pública do Município de Curitiba.

Utilizou-se como instrumentos: a entrevista semi-estruturada com a direção, a coordenação do Ensino Médio (EM), os professores e alunos; questionários aos professores; além da observação e da pesquisa documental.

No que diz respeito à contextualização do campo de pesquisa: a escola analisada se caracteriza por ser uma escola da rede pública de ensino, atendendo os níveis Fundamental e Médio além de alguns cursos técnicos.

Nossos sujeitos de estudo foram os professores de Ensino Médio do turno da manhã. Esse turno conta com 559 alunos no Ensino Médio e 41 professores.

Em primeiro lugar, buscou-se no Projeto Político Pedagógico (PPP) detectar o que a escola contempla enquanto sociedade, indivíduo e tecnologia, particularmente

quanto ao uso do cinema. Observou-se que o projeto pedagógico refere-se especificamente à informática, reduzindo os recursos audiovisuais ao computador.

No entanto, mesmo que o referido documento não faça nenhuma referência ao uso do cinema, pela observação e entrevistas percebeu-se sua presença concreta na escola, por meio de 2 salas próprias para uso do vídeo, um projeto específico para uso do cinema, denominado “Projeto Cinema”, além de um acervo de 189 filmes em VHS e de alguns aparelhos, tais como, 5 vídeos, 3 DVD's, 5 TV's 20', 1 TV 29' e 1 aparelho de data show, adquirido especialmente para uso do projeto cinema. Não conta com nenhum acervo de filmes em DVD, ficando a locação desses por parte dos professores. É importante mencionar que os filmes também podem ser projetados em sala de aula.

Quanto ao uso do cinema pelo professor foi possível perceber, por meio dos questionários, que há o envolvimento destes para com o cinema, ou seja, 100% gostam, freqüentam e locam. No entanto, somente 53% dos professores questionados usam o cinema em sala de aula, o restante, 47%, não usa. Quanto à freqüência de uso em sala de aula, 37,5% dos professores se utilizam 1 vez por bimestre e outros 25% duas vezes por bimestre.

Tendo em vista os dados coletados por meio dos questionários, selecionou-se então três professores para uma entrevista, de forma a aprofundar e validar os dados obtidos por meio do questionário. Os critérios de seleção dos professores para a realização da entrevista foram: freqüência com que vão ao cinema, o uso ou não do cinema em sala de aula e a freqüência com que usam o cinema em sala de aula.

Por meio dessas entrevistas foi possível perceber que todos os professores atribuem importância ao cinema como recurso, porque, a imagem é muito representativa para o jovem. Garantem que os filmes constam no planejamento anual da disciplina, além de se utilizarem de uma metodologia específica para essa prática.

Buscou-se então a realização de observação das aulas com o uso do cinema dos 3 professores entrevistados. Verificou-se que o espaço e mobiliário não eram adequados à projeção de longas-metragens. Presenciou-se a retomada do conteúdo por parte do professor e a explanação do objetivo da aula antes da projeção. Houve também uma dispersão dos alunos. Não houve uma preparação prévia da turma para a atividade a ser

desenvolvida, como por exemplo, roteiros e questionamentos a serem levantados sobre a temática do filme.

Nas entrevistas com os alunos, eles afirmaram que o filme facilita a aprendizagem, conseguindo estabelecer relações do conteúdo do filme ao seu cotidiano e ao conteúdo de sala. No entanto, revelaram que há filmes que não conseguem entender e nem estabelecer relações. Outro aspecto que ficou explícito na entrevista com os alunos é a crença de que o cinema pode substituir o livro, aspecto esse que precisa ser superado pelos alunos de forma a entender que um não substitui o outro, mas que ambos se complementam.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que deve haver incentivo à novas formas de leitura de mundo, de linguagens, que não se restrinjam somente à escrita e à oralidade. Diante dessa premissa, foram discutidos três aspectos considerados de extrema relevância, que mesmo não se tratando de conclusões definitivas, acredita-se que contemplam o fechamento desta pesquisa.

O primeiro aspecto refere-se à importância do cinema percebendo num primeiro momento a sua função enquanto entretenimento, visto que a imagem em movimento acaba por despertar o prazer além de sentimentos e emoções nos espectadores. Reside aí, a importância do cinema, ou seja, o registro de imagens em movimento historicamente buscadas pelo homem e que gera um encantamento até os dias de hoje.

Tal constatação leva ao seguinte questionamento: o caráter ilustrativo, que era visto como primordial, persiste até os dias atuais ou o cinema assumiu hoje uma posição mais político-educativa? E é justamente sob esse questionamento que se percebe a importância do cinema para além do entretenimento, visto que esse pode e deve ser politizador, a partir da abordagem a ser desenvolvida.

Esse caráter ilustrativo traz consigo uma grande carga ideológica e que gera a alienação dos indivíduos que consomem as mensagens veiculadas pelo cinema. Contudo, se este for abordado sob um prisma *crítico* poderá resultar num processo com possibilidades de politização.

O segundo aspecto diz respeito à presença do cinema na escola, que num primeiro momento se dá por meio de aparelhagem própria para a projeção de filmes e espaços também próprios para o uso desta aparelhagem. Entretanto foi possível observar que a presença deste recurso se dá em geral, de maneira ilustrativa, ou seja, as condições físicas de fato favorecem o trabalho com o cinema o que por sua vez não garante a qualidade deste, em virtude do despreparo dos professores.

Entende-se aqui a necessidade por parte da escola em definir o que é uma educação audiovisual a fim de desenvolver uma consciência crítica e reflexiva a respeito do uso do cinema.

É possível afirmar ainda que o cinema se faz presente também na vida particular de professores e alunos.

Contudo, no que se refere ao Projeto Político-Pedagógico, foi possível observar que este não contempla o cinema, referindo-se somente as tecnologias de um modo geral o que vem reforçar a idéia de um mero recurso didático.

O terceiro aspecto aborda a necessidade de se discutir o uso do cinema pelo professor entendendo que o cinema como num amplo instrumento educativo numa sociedade mergulhada em imagens.

Esta pesquisa revela a grande importância do uso da linguagem cinematográfica por parte dos professores. Mas, se não dominarem essa técnica de nada adiantará reconhecerem que a comunicação e o computador estão presentes na vida dos jovens. Contudo, só ter acesso às imagens não é a solução dos problemas, é preciso saber interpretá-las e principalmente saber utilizá-las de maneira eficiente para que estas sirvam de aliadas para o trabalho pedagógico, de maneira a possibilitar uma reflexão por parte do aluno.

A falta de tempo, devido a alta carga horária de trabalho para produzir a sobrevivência, e a falta de conhecimento no manuseio da arte em questão são alguns dos elementos que dificultam o uso mais eficiente do cinema pelo professor.

Percebe-se, na formação continuada dos professores uma das alternativas para o caminho a ser traçado, na busca do uso do cinema como um recurso politizador, e não como um instrumento ilustrativo nas práticas escolares.

E é nesse contexto que a escola precisa incorporar as transformações sofridas pela sociedade, principalmente as que se referem aos novos processos de comunicação, promovendo uma ampla discussão entre os docentes a respeito das novas possibilidades de se buscar novos recursos junto aos órgãos responsáveis pela educação para que se tenha profissionais mais qualificados.

Acredita-se que a viabilização de políticas públicas relacionadas à educação pode ser um importante mecanismo para elevar o nível intelectual dos jovens. Contudo, o primeiro passo a ser dado é a valorização do próprio profissional de educação, mediante salários adequados e melhores condições de trabalho.

3. REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Textos Escolhidos**. v. 16. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- ARANTES, Paulo Eduardo. Vida e Obra. In: BENJAMIN, Walter, et al. **Textos Escolhidos**. Volume IV. São Paulo: Victor Civita, 1975. Cap. 72, p. 945-964.
- AUMONT, Jacques; et al. **A estética do filme**. São Paulo: Papirus, 1995.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Os pensadores**. São Paulo: Victor Civita, 1983.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.
- CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. 2. ed. São Paulo: SENAC São Paulo. 2002.
- COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FERREIRA, Oscar Manuel de Castro; SILVA JÚNIOR, Plínio Dias. **Recursos audiovisuais no processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1986.
- FERRÉS, Joan. **Vídeo e educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Autores Associados, 1987.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais – identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- KENSKI, Vani Moreira. O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Didática: O ensino e suas relações**. São Paulo: Papirus, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. São Paulo: Papirus, 1997.
- MANASSÉS, Branca; et al. **Tecnologia da educação: uma introdução ao estudo dos meios**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. São Paulo: Papirus, 1996.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. São Paulo: Papirus, 1994.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Projeto Político-Pedagógico da escola**: uma construção possível. São Paulo: Papirus, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Perspectivas para reflexão em torno do projeto político-pedagógico. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro, RESENDE, Lúcia Maria Gonçalves (orgs.). **Escola**: espaço do PPP. São Paulo: Papirus, 1998.